

Figura 22. Linha sísmica 2000 (TecVa) e interpretada em profundidade.

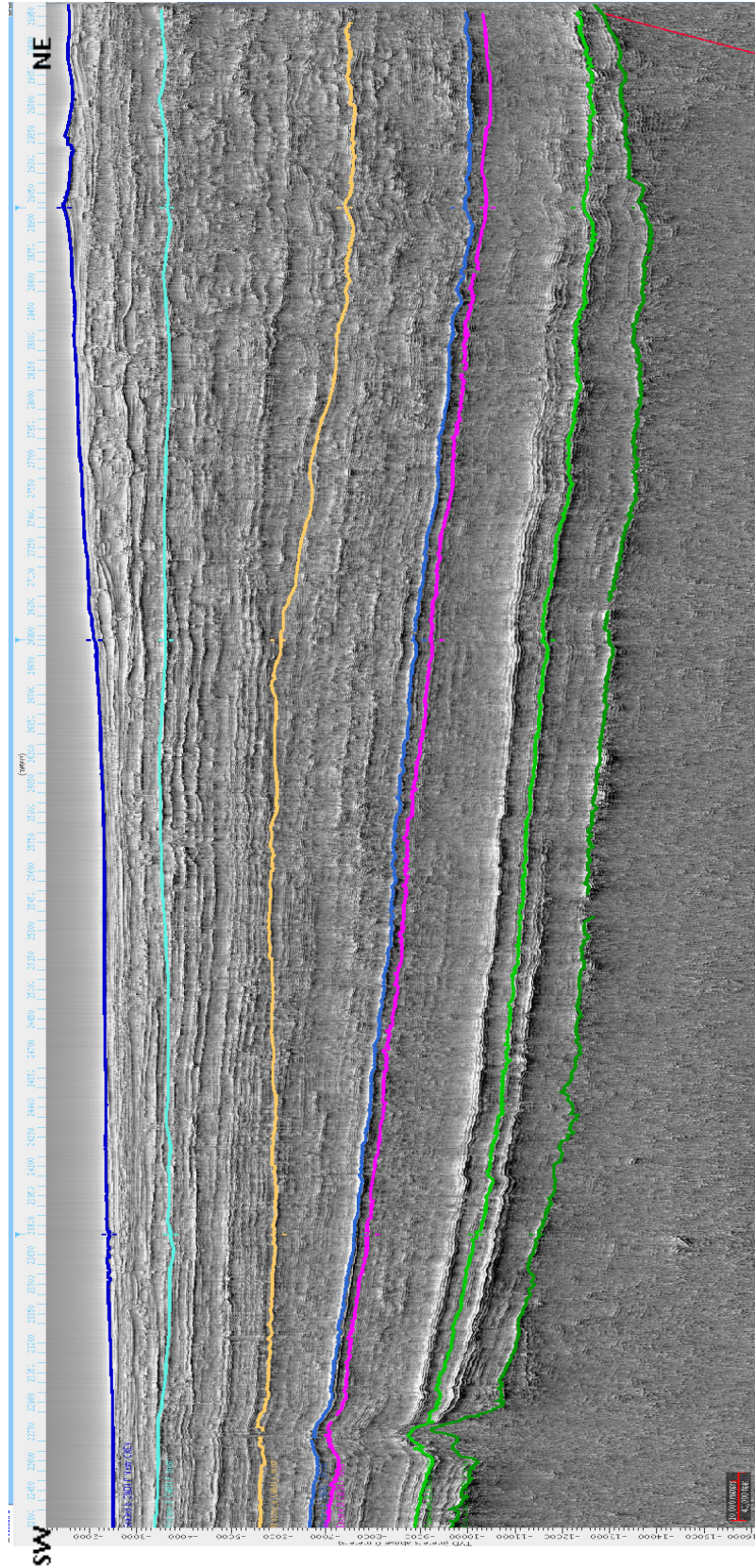


Figura 23. Linha sísmica 4000 (TecVa) e interpretada em profundidade.

A partir dos estudos das linhas foi possível observar o espessamento da seção sedimentar pós-Oligoceno bastante evidente, o que confirma o gigantesco aporte sedimentar para o interior da bacia com a colisão das duas placas e soerguimento dos Himalaias, contrastando bastante com o influxo sedimentar pré-colisional, confirmando a proposta apresentada por Curray (1994).

A história evolutiva da Bacia de Bengala apresentada por Lindsay (1991) é compatível com a interpretação sísmica obtida através das linhas inéditas disponibilizadas pela GXT, conforme as figuras que seguem:

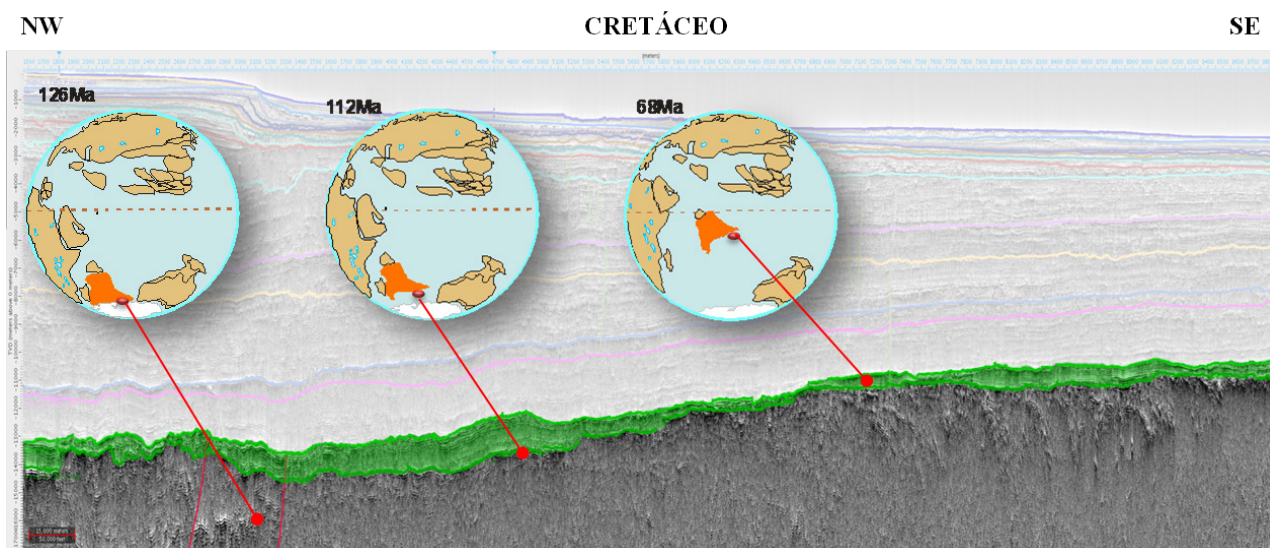


Figura 24. Sessão sísmica enfatizando o Cretáceo (verde), interpretada na linha 1800, correlacionada com a história evolutiva apresentada por Lindsay (1991).

Neste primeiro momento geológico registrado na Bacia de Bengala (Figura 24), observa-se a separação da costa leste indiana com o continente antártico e o sudoeste australiano, passando por um processo de rifteamento e magmatismo básico evidenciado pela ocorrência de *Seaward Dipping Reflectors*. Depois desta quebra ocorre a instauração de ambientes lacustres, com deposição tipicamente continental, seguindo para um ambiente misto, marinho restrito até tipicamente marinho de águas abertas. Deste modo, espera-se uma deposição clástica inicial e conforme atinge latitudes de clima mais quente e com menor suprimento siliciclástico, o desenvolvimento de sistemas carbonáticos no final desta idade. Não se tem evidência de deposição de um sistema salino clássico e isto se deve, provavelmente, ao fato da transição do sistema continental para marinho ter ocorrido